

**A História e as histórias:  
A utilização do audiovisual em sala de aula**

**Fábio José da Silva<sup>1</sup>**

Como atrair a atenção dos alunos? Essa pergunta tão contemporânea e que por muitas vezes parece ser um problema de nossa sociedade, de nosso país eu a encontrei em um artigo feito por um professor austríaco, Rudolf Steiner, a um grupo de professores da cidade de Stuttgart, na Alemanha, em 1922 (STEINER, 1996). Em seu texto Steiner incentiva os professores a buscarem uma forma de chamar a atenção dos alunos procurando dar um enfoque atrativo à matéria que lecionam. O que salta aos olhos é o fato de que, ao que parece, não importa onde, nem quando, haverá sempre uma tensão entre professores e alunos. Um querendo ensinar, outro querendo aprender a seu modo, que quase sempre é um modo diferente do que o docente imagina ser o adequado. Como superar esse impasse? As respostas geralmente vêm dos docentes que buscam tal qual Sísifo fazer com que os alunos compreendam a importância do estudo, que se dediquem e que demonstrem interesse. Tentam de todas as formas, usando todas as artimanhas imagináveis para tentar fazer com que os alunos aprendam. Muitas vezes falham, mas tal qual Sísifo, depois que a pedra rola para o pé da montanha, tornam a empurrá-la novamente.

Encontrar saídas para que o ensino seja assimilado pelos alunos parece ser um dos grandes desafios da educação, especialmente na sociedade moderna em que o estudo perdeu, aos olhos dos alunos, a ligação com seu cotidiano. Uma das possibilidades que se mostrou viável nos últimos anos é o uso de material audiovisual em sala de aula. Quando falamos em audiovisual a primeira imagem que vem à mente é o uso de filmes, mas podemos trabalhar com outras fontes como comerciais de TV, músicas, novelas, minisséries, reportagens, documentários e outras possibilidades disponíveis hoje sem muita dificuldade através da internet. Esse trabalho vai se pautar essencialmente, na utilização do cinema em sala de aula, fazendo referências, eventuais, as outras formas de audiovisual.

As novas tecnologias de informação e comunicação alteram a vida cotidiana dos indivíduos, bem como seu universo mental e mesmo material. Isso está

---

<sup>1</sup> Mestre em História Social pela UFSC. Professor de História do Colégio Luiza de Marillac/SP e Colégio Nossa Senhora da Consolata/SP

levando o homem desse início de século a se utilizar destas novas tecnologias para obter informações e não há dúvidas que o audiovisual é uma das principais fontes de conhecimento histórico para grande parte da população. (PINTO, 2004: 01)

O século XX tornou-se o século em que os meios de comunicação de massa, tão logo inventados, passaram a dominar o cotidiano de todas as pessoas; não é à toa que Theodor Adorno e Max Horkheimer criaram o termo “indústria cultural” para se referirem aos meios de difusão cultural que atingem milhões de pessoas, até então a cultura, ao menos a cultura chamada erudita, tinha uma difusão muito restrita aos grupos culturais mais abastados economicamente. Segundo os pesquisadores alemães o capitalismo transformava bens culturais em mercadoria, no capitalismo, para esses autores qualquer obra artística, artista, objeto poderia ser valorado e transformado em um objeto para ser comprado, copiado ou mesmo em objeto de adoração das massas, mas sem qualquer senso crítico. Essa ausência de senso crítico poderia ser identificada no comportamento dos indivíduos que mesmo consumindo os mesmos objetos, vendo os mesmos filmes, usando as mesmas roupas, mas mesmo assim sentindo-se indivíduos únicos e diferenciados da maioria. Adorno e Horkheimer acreditavam que o capitalismo ao inventar a “indústria cultural” criara uma forma de aprisionar os indivíduos dentro de uma “pastosidade” cultural e política através da falsa sensação de satisfação de suas necessidades mais básicas, o que, nunca ou quase nunca acontecia de fato.

Uma das formas de dominação das massas é, sem dúvida alguma, o cinema. Ao produzir filmes um determinado estúdio constrói uma imagem do passado que melhor lhe convenha, seja essa intenção explícita ou inconsciente. É desnecessário afirmar aqui que o cinema produzido em Hollywood é o que mais tem influência sobre as pessoas, e, portanto, tem muitas oportunidades para desenvolver uma leitura, quer seja do passado quer seja do presente, que melhor lhe interesse e que melhor atenda aos seus conceitos do que deve ser a sociedade. Segundo os pensadores alemães:

Filme e rádio não têm mais necessidade de serem empacotados como arte. A verdade, cujo nome real é negócio, serve-lhes de ideologia. Esta deverá legitimar os refugos que de propósito produzem. Filme e rádio se autodefinem como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores-gerais tiram qualquer dúvida sobre a necessidade social de seus produtos. Os interessados adoram explicar a indústria cultural em termos tecnológicos. (ADORNO, HORKHEIMER, 2002)

Por ser uma atividade ligada à idéia de lazer o cinema acaba rivalizando, e muito, com a escola uma vez que acaba tomando muito o tempo do aluno. E por ser considerada por todos como uma atividade de lazer, na sociedade atual, acaba por ganhar muitos pontos e atingindo a um público bem maior e mais ávido de consumir seus produtos e por incorporar seus comportamentos e conceitos.

Dessa forma é de bom tom que o professor tenha em mente que qualquer dos instrumentos citados anteriormente, comerciais de TV, músicas, novelas, minisséries, reportagens, documentários, que sejam utilizados é sempre importante frisar que esse produto carrega consigo uma ideologia, que busca defender um ponto de vista, esteja visível ou não, Marc Ferro escrevendo sobre as origens do cinema afirma que:

*Paralelamente desde que o cinema se tornou uma arte, seus pioneiros passaram a intervir na História com filmes, documentários ou de ficção, que, desde sua origem sob a aparência de representação, doutrinavam e glorificavam. Na Inglaterra, mostram essencialmente a rainha, seu império, sua frota; na França, preferiam filmar as criações da burguesia ascendente: um trem, uma exposição, as instituições republicanas.*(FERRO, 2010: 15)

Tendo em mente o que escreveu Marc Ferro que se estende a qualquer obra produzida pelo ser humano o professor deve estabelecer com esse material audiovisual um contato de desconfiança, criar um olhar que interrogue o material que estiver utilizando e, o principal, ensinar o aluno a refletir em cima do que vê e ouve. Ao utilizar o cinema, ou qualquer outro meio audiovisual, em sala o professor deve munir seus alunos de um potencial crítico para que ele possa aventurar-se em um filme e consiga perceber, ao menos minimamente, o que está por trás daquela obra, qual a ideologia defendida, o que pretendia o diretor, o estúdio ao produzirem tal obra com o enredo escrito de uma determinada forma e defendendo um ponto de vista, que pode nem estar tão explícito assim. É importante ressaltar que essa atitude de desconfiança deve ser estendida a todos os materiais audiovisuais, incluindo aí os documentários, que muitas vezes são vistos como detentores da verdade total e absoluta, nas palavras de Luciano Pinto:

Deve-se ressaltar que até mesmo os documentários não apresentam a própria realidade, pois são fruto de um trabalho de montagem, seleção e estruturação para só então serem apresentados ao público. Lembrando que eles

apresentam uma visão da História e uma interpretação para o elemento histórico sobre o qual se debruça. (PINTO, 2004: 07)

Para algumas pessoas o final do século XX e o início do século XXI transformaram a sociedade ocidental em uma sociedade educada à base de imagens, o que, se pensarmos bem não é totalmente verdade, ao contrário, o mais comum é que a educação seja feita através das imagens, o que diferencia o período contemporâneo é que as imagens têm movimento. O cinema, e a TV, que tem imagens em movimento transformaram a relação dos estudantes com o conhecimento. Para a maioria dos adolescentes ficar em sala de aula, debruçando-se sobre textos apenas é extremamente cansativo, diante dessa pouca vontade em estudar o cinema é uma saída possível para se trabalhar o ensino, em especial o de história.

Obviamente que o cinema não é algo novo, ao contrário, já algum tempo Anísio Teixeira, educador brasileiro, ao refletir sobre o cinema identificou a possibilidade de se trabalhar didaticamente com esse novo instrumento, à sua época, entretanto não deixou de refletir os males que poderiam advir da má utilização desse instrumento, segundo ele:

*Não somente a comunicação se fez assim universal no espaço, como também, com novos recursos técnicos, se estendeu através do tempo, podendo o homem em uma simples sessão de cinema visualizar as civilizações ao longo da História, como sucede nos grandes espetáculos modernos em que a cultura antiga é apresentada de forma nem sequer sonhada pelos mais ambiciosos historiadores do passado. Toda essa imensa revolução dos meios de comunicação não poderia deixar de criar, em sua fase inicial, antes a confusão que o esclarecimento sobretudo por que esses meios não foram sequer conservados na posse dos grupos responsáveis pela educação do homem, como a escrita e a imprensa, por exemplo, de certo modo se mantiveram, mas se fizeram recursos para a propaganda e a diversão comercializada, quando não para o condicionamento político e ideológico do homem. (TEIXEIRA, 1963.)*

Anísio Teixeira rende-se à possibilidade educacional do cinema pelo educador, entretanto, segundo o educador, “a educação para este período de nossa civilização ainda está para ser concebida e planejada e, depois disto, para executá-la, será preciso verdadeiramente um novo mestre, dotado de grau de cultura e de treino que apenas começamos a imaginar.” (TEIXEIRA, 1963) Pela leitura completa do artigo de

Teixeira me parece que esse “novo mestre” é aquele que pratica aquilo que Walter Benjamin denominou de uma leitura a contrapelo, capaz de identificar os discursos, cinematográficos no caso, e que consegue transmiti-los aos alunos.

A necessidade, portanto, de compreender os discursos faz com que os profissionais da educação olhem para os filmes que se propõe a passar indo além das indumentárias e do período em que, supostamente, se passa o enredo. Para tanto existe a necessidade de um conhecimento do período em que o filme foi produzido, qual o país, quais as intenções dos diálogos construídos, em que medida esse filme reflete os anseios da sociedade para a qual foi produzido, segundo Mônica Almeida Konis:

A impressão de realidade propiciada pelo cinema contém ainda um elemento central, que é dado pelo movimento e através do qual é construída uma ilusão de realidade ainda mais possante que na fotografia. Na relação específica com a história, trata-se da ilusão de estarmos diante dela tal como se desenrolou. (KORNIS, 2008: 13-14)

Em sala de aula é imprescindível que o professor trabalhe para desfazer essa ilusão de reprodução do evento tal qual deveria ter ocorrido, portanto seria necessário que o professor utilizasse algum texto de apoio, possibilitando situações de troca de experiências entre todos os agentes da sala de aula. Além disso, existem outros cuidados a serem tomados pelo professor *“ao escolher um ou outro filme para incluir nas suas atividades escolares, o professor deve levar em conta o problema da adequação e da abordagem por meio de reflexão prévia sobre os seus objetivos gerais e específicos.”* (NAPOLITANO, 2009:16) Essa preocupação deve ser levada em conta por que afinal de contas apesar de todo o potencial de um filme, passá-lo apenas por passá-lo de nada vai adiantar ao aluno, é necessário que o professor o auxilie a compreender e entrelaçar os sentidos do filme com o conteúdo estudado, levando-o a estabelecer a ponte entre os documentos escritos vistos e a interpretação cinematográfica vista em aula.

O professor, como um dos grandes mediadores do conhecimento, precisa compreender a dimensão de sua responsabilidade ao veicular, com palavras, imagens e gestos, assim, trazer para a sala de aula discussões de filmes, propagandas, e-mails e outras fontes de comunicação audiovisual, o que pode ser mais um recurso para articular a ação pedagógica, o conteúdo e os novos apontamentos cognitivos. (SILVA, 2009: 01)

Utilizar o cinema em sala de aula é oferecer aos alunos a chance de compreender uma cultura distinta da sua, hábitos, costumes, compreender uma nova estética, procurar compreender a ideologia por trás da elaboração de um filme, conhecer valores sociais distintos do seu, estabelecer, através dos filmes uma ligação extremamente enriquecedora entre o passado e o presente e, mesmo uma interpretação do presente através de uma leitura do passado. Além desses aspectos relacionados acima, Marcos Napolitano ainda ressalta que: *“trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte.”* (NAPOLITANO, 2009: 16) Em uma sociedade em que o contato com a produção artística é cada vez mais escasso aproximar os alunos de algo considerado como uma produção artística considerada superior é estabelecer uma proximidade entre os alunos e a cultura estabelecida tanto na contemporaneidade quanto no passado, matéria que constitui a História, e que é revisitada nos filmes, entretanto para que um filme se transforme efetivamente em um documento exige-se a:

Comparação do conteúdo apreendido do filme com os conhecimentos histórico-sociológico acerca da sociedade que produziu o filme e com outros tipos de filme, para então sintetizar os pontos em que o filme reproduz esses conhecimentos e, por outro lado, os elementos novos que ele apresenta para a compreensão histórica da mesma (NOVA, 1996).

Ao mesmo tempo, propondo uma discussão a respeito de uma obra artística os questionamentos devem, quase por obrigação, desenvolver-se muito em função do ambiente que se cria, da possibilidade não de que um dos envolvidos seja o detentor do saber e o outro o receptáculo desse saber. Isso significa afirmar que o cinema pode fazer algo que é muito difícil com um texto escrito, extrair da maioria dos alunos questionamentos, seja de comportamento, seja de leitura de um evento histórico elaborado pelo diretor, exigindo do professor uma atenção muito grande ao filme que escolheu para passar. É necessário por parte do docente uma preparação anterior, e, durante a exibição do filme a sensibilidade para saber o momento de parar e dar voz aos alunos que, porventura, sintam-se instados a desenvolverem uma opinião centrada no filme exibido.

A análise do conteúdo histórico e dos enunciados presentes nas obras cinematográficas selecionadas permitem-nos fazer algumas considerações sobre a ligação entre os filmes, o passado histórico que buscam resgatar e o ideológico da sociedade que representam. [...] Na ânsia de parecerem

verossímeis estas produções se apropriaram de fatos e personagens mais ou menos conhecidos e recriaram quase que completamente a História – este é o caso de 300, Tróia e Gladiador (que não passam de películas de ação ambientadas no passado) e, em menor grau, de Cruzada que é um filme de ação com uma visão geral histórica mais responsável). (MOCELIN, 2009: 118-119)

Diante do exposto acima alguns pontos devem ser analisados por quem se propõe a usar o cinema em sala de aula. Elas devem ser explicitadas aos alunos antes da exibição do filme para que eles possam iniciar a análise e procurar compreender o enredo que se desenrola em sua frente. Perguntas do tipo: A quem interessa contar essa história, como foi elaborado o roteiro, qual a ponto de vista orientou o roteiro, quais são os valores elevados e quais os comportamentos condenados, quais as omissões mais evidentes, quais lados foram eleitos para a narração, os diálogos dão preferência para qual discurso. É importante frisar que em momento algum o professor deve direcionar a leitura dos alunos para concluir que o cinema ou qualquer outro documento utilizado em sala de aula é pernicioso, ao contrário, é obrigação do professor destacar que esse documento tem as características daqueles que o produziram e que defendem o ponto de vista desses indivíduos que não é verdadeiro em sua totalidade, mas igualmente não é nocivo em sua totalidade. Como o objetivo é a formação de alunos, conseqüentemente, de espectadores mais conscientes das intenções de quaisquer obras, qualquer filme pode ser exibido aos alunos, respeitando-se, evidentemente, a faixa etária e o tipo de obra a ser explorada.

A indústria cinematográfica nos dias atuais detém um poderio imenso, devido ao seu alto poder técnico de desenvolver qualquer enredo, utilizar as mais sofisticadas tecnologias para envolver seu público espectador certamente vai desenvolver inúmeros filmes baseados em fatos históricos. Ignorar esse fato e essa possibilidade de trabalhar em sala de aula filmes anacrônicos, incongruentes ou ruins mesmo é deixar de lado uma possibilidade de desenvolver um trabalho muito proveitoso com os alunos. Certamente muitos desses filmes chegam à sala de aula, por vias diretas, trazidos pelo professor ou por vias indiretas, assistido pelos alunos em casa, no cinema, sozinho ou em grupo. Assim devemos aceitar o fato de que o cinema, produzido em Hollywood ou não é um grande disseminador de comportamentos, logo, usar os filmes para entender comportamentos, desfazer equívocos é altamente produtivo e, reafirmo, ajuda os alunos,

altamente imagéticos, a compreenderem com maior facilidade a matéria trabalhada em sala de aula. Renato Mocelin, a respeito do cinema baseado em fatos históricos escreve que:

Se considerarmos a produção cinematográfica com conteúdo histórico em todas as suas influências – de desenvolvimento de consciência histórica, ideológica e cultural – entendemos a responsabilidade que a escola (especialmente, mas não exclusivamente, na figura do professor de História) tem perante seus alunos: a de oferecer um contraponto com suficiente embasamento para que o aluno possa construir uma visão mais ampla e crítica do mundo. (MOCELIN, 2009: 116)

Esse é o argumento que se tentou defender nesse texto, ou seja, o cinema tem espaço na sala de aula, é importante que seja usado, mas, esse uso deve ser feito com extremo cuidado. Esse cuidado se deve em função de muitas vezes um filme não ser tão facilmente compreensível aos alunos, cabendo aos professores o papel de extraírem, ou antes, de ajudarem os alunos a extraírem as intenções do diretor do filme ao realizar tal película.

#### **Referências bibliográficas:**

ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. Pp. 169 a 214. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

KORNIS, Mônica Almeida. **Cinema, Televisão e História**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. (Coleção passo-a-passo).

MOCELIN, Renato. **Ressureições luminosas: O cinema na sala de aula**. Curitiba: UFPR, 2009. (Dissertação de Mestrado)

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2009.

NOVA, Cristiane. O Cinema e o Conhecimento da História. In: **O Olho da História: revista de história contemporânea**. Salvador, v.2, n. 3. 1996.

PINTO, Luciana. O Historiador e sua relação com o cinema. In: **Revista Eletrônica O Olho da História**. [www.olhodahistoria.ufba.br](http://www.olhodahistoria.ufba.br)

SILVA, Beatriz Nunes Santos e. Cinema e a sala de aula: um caminho para a formação. In: **Revista Espaço Acadêmico**. nº 93, fevereiro 2009.



STEINER, Rudolf. **Educação na puberdade. O ensino criativo.** Duas conferências pedagógicas, proferidas aos professores da Escola Waldorf Livre de Stuttgart, em 21 e 22 de julho de 1922. São Paulo: Antroposófica, 1996.

TEIXEIRA, Anísio. Mestres do amanhã. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos.** Rio de Janeiro, v. 40, n. 92, out/dez 1963. p 10-19. Disponível online: <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/> consultado em 15/01/2011.